



Mademoiselle OSBAL com o chapéu da moda  
(Cliché Felix)

Lisboa, 21 de Julho de 1913

N.º 387

Director e Proprietario: J. J. DA SILVA GRAÇA  
Editor: JOSÉ JOSEBERT CHAVES  
Redação, Administração, Off.: Composição e Impressão—NUA 19 SECVLO, 43

*Ilustração*  
PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL  
DO JORNAL  
O SECVLO

ASSINATURA PARA:

Portugal, colónias por- tuguezas e Hespanha	Ano.....	4880
	Semestre.....	2840
	Trimestre...	1820

# GOERZ TENAX-PACK

A mundaça  
ideal  
à luz do dia



**60%**  
pouco de  
economia

A mais perfeita  
substituição  
de chapas

Extra-rápidas. Orthochromaticas.  
Antihalo. Não se enrolam.

A venda em todas as lojas de artigos photographicos. Prospectos gratis.

Opt. Anst. C. P. GOERZ Akt.-Ges.

BERLIN-FRIEDENAU 111  
WIENNA PARIS LONDRES NOVA YORK

Sederia  
**Schweizer**  
franco  
de porte a domicilio.  
Ultimas novidades em selas para Vesti-  
dos e blusas bem como em veludos e pe-  
luches. Peçam as nossas amostras franco.  
Schweizer e Ca., Lucerne E 11  
(Suíça)



## Os Cinco Ultimos Perfumes



Rêve d'Ossian  
Convoitise  
Jardins d'Armide  
Cillet Louis XV  
Age d'Or

PERFUMARIA ORIZA  
L. LEGRAND  
11, Place de la Madeleine  
PARIS  
14-15, Conduit Street, LONDON

O passado, o presente e o futuro  
REVELADO PELA MAIS CELEBRE CHIROMANTE  
E FISIONOMISTA DA EUROPA  
**Madame BROUILLARD**



Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticinios. Pelo estado que fez das ciencias, quiromancias, cronologia e fisiologia e pelas applicoções practicas das teorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lamirose, d'Arpentigny, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—LISBOA. Consultas a 1\$000 rs., 2\$500 e 5\$000.

# ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA CRONICA

N.º 337

21-7-1913

## PARLAMENTOS:

Esboça-se, na imprensa franceza, uma campanha contra a acção do parlamento. A camara dos deputados — dizem — entrava todas as



questões de interesse nacional, dificulta a solução de todos os problemas, realisa uma obra funesta de imobilisação. Não se faz uma lei, não se vota um projeto: fala-se, fala-se, fala-se.

A logomaquia politica desvirtua a propria função das instituições parlamentares. Não é um parlamento de trabalhadores: é um parlamento de verbo-motores. E concluem: a camara dos deputados tem de inspirar-se na Inglaterra e de modificar os seus processos — para honra da França. Será esta campanha, em todos os seus termos, rigorosamente justa? Talvez não. Não é a acção do parlamento que é preciso atacar; é o vicio fundamental da sua organização, é o proprio parlamento na forma porque selecciona, agrupa e representa as energias nacionaes. Se as maiorias dos parlamentos latinos fôssem constituídas, não por advogados, funcionarios e militares, mas pelas forças vivas da nação, pelos industrias, pelos agricultores, pelos comerciantes, como nos parlamentos anglo-saxonios, — a sobriedade da camara franceza não ficaria a dever nada ao palacio de Westminster, onde um dia o octogenario e ilustre Gladstone, a quem felicitavam pelo seu admiravel discurso sobre o *Home rule*, que durára a eternidade de meia hora, pronunciou a frase que melhor define a eloquencia parlamentar britanica: — «*It was not a good speech, it was too long.*».

## OS MEDICOS E A POLITICA:

Foi nomeado ministro da instrucção um clinico e professor illustre. A politica continua a utilizar os medicos. Nos dois ultimos governos monarchicos foram ministros tres medicos: os drs. Moreira Junior, Teixeira de Sousa e José de Azevedo; nos cinco primeiros governos republicanos tem sido ministros nove medicos: os drs. Brito Camacho, Antonio José d'Almeida, Augusto de Vasconcelos, Silvestre Falcão, Celestino d'Almeida, Costa Ferreira. Esteavam de Vasconcelos, Rodrigo Rodrigues e Sousa Junior. Ao todo doze medicos passaram em quatro anos pelas cadeiras do poder. —



não contando aqueles que, como os drs. Aresta Branco, Augusto Monjardino e outros, tem occupado a presidencia das casas do parlamento e desempenhado altos cargos politicos. E' forçoso concluir, ou que se deu a coincidência de terem feito o curso de medicina os homens com mais capacidade para exercer em Portugal a função governativa, ou que a profissão medica attribue aos individuos que a exercem qualidades que os tornam designadamente aptos para governar homens. E' certo que a utilização dos medicos nas funções da administração politica não é frequente fóra do nosso paiz; mas é tambem certo, pelo menos quanto aos cirurgiões — já o notou Bourget — que grande parte das qualidades que mais valem e mais se aperfeioam no operador, são precisamente aquelas que se consideram fundamentaes no homem de governo.

## OS SENHORES MENDIGOS:

A Albergaria de Lisboa começa a realizar a sua util missão de deposito de mendigos. Todos os dias são conduzidas para Carnide levadas de farrapos humanos; os *bas-fonds* da mendicidade varrem-se dos profissionais da esmola; faz-se uma obra de civilização e de humanidade. Tudo levaria a crer que os mendigos rejubilassem. Puro engano. Nada mais difficil — tem-se provado agora — do que convencer os nossos pobres a asilarem-se. Ofereçam-lhes pão; mas se lhes tirem o sol, a liberdade, o orgulho da vadiagem, a selvageria da independencia, — já o não aceitam. Dentro dos nossos mendigos vive um grande de Hespanha abraçado a um franciscano pedinte.



## O «JUDEU»:

A Junta Liberal aprovou a *maquette* para o monumento ao «Judeu». A Camara Municipal cedeu terreno e materias para a sua fundação. Nada mais justo do que a homenagem prestada. Simplesmente, essa homenagem, de caracter politico, dirige-se mais ao supplicado do Santo Officio do que ao brilhante cultor da «opera de bonecos» em Portugal. E' o *Judeu* de mitra e sambenito, o *Judeu* relaxado em carne entre capuzes de familiares e pluvias róxos de bispos, o *Judeu* martir da espada flamejante de S. Domingos, — que a Junta Liberal exalta na sua nobre iniciativa. E, entretanto, martires como o supplicado do Campo da Lã houve entre mós milhares d'elles; poetas comicos como o das *Guerras da Alcinim e da Mangeroma*, — é que houve só um.

JULIO DANTAS.

Illustrações de Manuel Gustavo.

# Vingança de mulher

N'aquella tarde, com mal disfarçada perturbação, Inacio Temudo participou a D. Ana, sua mulher, que, tendo por acaso encontrado um antigo condiscipulo que ha muito não via e de quem fóra sempre muito amigo, não pudera furtar-se ao convite insistente para uma ceia no dia seguinte. Fingindo-se com isso muito contrariado, procurára Inacio Temudo, matreiro e carinhoso, levar a esposa a concordar com a combinação:

—Has-de ter paciencia de ficares sósinha umas horas aqui no hotel. Como tratámos o encontro para a meia noite, deitas-te á hora do costume,

—E' um homem muito procurado, pelo que vejo, esse teu amigo!

—Procurad.ss.mo, não imaginas! Uma creatura encantadora que mete todos no coração.

—N'esse caso, fizeste talvez bem em o não trazer...

—Porquê, minha tola?

—Se ele é assim tão irresistivel como o pintas, quem sabe o que me sucederia?

—Não te acontecia nada, mas tem graça esse teu dito... Com um amigo como aquele, não haveria perigo.

—Nunca te vi de tão bom humor.

—Ora essa, que idéa!



adormeces, e verás que nem dás pela minha falta! —E' aborrecido—recalcitrava D. Ana.—Não estou habituada.

—Bem sei, filha, ninguem o sabê melhor do que eu, mas será uma vez sem exemplo, prometto. Quiz desculpar-me, esquivar-me, trocar a ceia por um almoço ou um chá: não houve meio. O Carlos, chama-se Carlos Ordaz, o meu amigo, está ainda solteiro: é livre, tem hábitos de notívago, e não admitiu nenhum dos argumentos com que tentei defender-me. Achava resposta para todas as minhas evasivas, invocando a nossa velha camaradagem.

—Podias te-lo antes trazido a jantar conosco.

—Foi essa a minha primeira idéa, acredita. Disse-lh'a, teimei com elle, pedi-lhe. Garantiu-me, porém, que era impossivel por toda esta semana: tem convites para todos os dias.

—Até ao ponto de não teres ciumes e de me achares graça...

—Acho-te graça muitas vezes, o que é, é que nem sempre t'o digo.

—Com medo de me envaideceres?

—Não, para te não envergonhar.

—Envergonhada vou eu ficar amanhã á noite, sem o meu rico maridinho á minha be'ra.

—Sem mim, não. Como já te d'sse, far-te-ei companhia até á meia noite. Podemos mesmo ir ao teatro.

—Para a noite se passar mais depressa, não é verdade?

—Para te deitares com mais sono.

—Pois bem, iremos ao teatro.

—Até esta noite também, se quizeres.

—Não, obrigada. Esta noite preíro deitar-me cedo.

—Para te conservares acordada amanhã á minha espera! Não senhora!

—Mas que empenho tu fazes no meu sono de amanhã! Estava capaz de te pedir para me comprares dormideiras...

—Não é isso, filha. Não terá, porém, graça nenhuma que passes uma noite em claro.

—Tencionas então demorar-te lá por fóra até de manhã?

—Eu não, querida. Mas n'esse negocio de ceias, nunca se sabe. Em o Carlos se pondo a contar historias, esquece-se a gente de olhar para o relógio. E depois, pode ser longe o restaurante, não haver carros, sei lá...

—Visto isto, ainda nem sequer sabes onde irão ceiar?

—E' verdade: esqueci-me de perguntar ao Carlos.

—Então onde se encontram vocês?

—Ali em baixo, no Rocio, que é, como sabes, o ponto obrigado dos encontros em Lisboa.

—Não sabia, mas fico sabendo, e parece-me naturalissimo.

—Não é?

—A' manhã á meia noite, no Rocio, depois de deixar a sua cara metade em Valle-de-Lençoes, o santinho do senhor meu marido...

—E olha que não ha muitos como eu...

—Por isso faço-te justiça: o santo do senhor meu marido começará a reviver as suas noites de solteiro...

—De solteiro, talvez não seja perfeitamente exato.

—Então?

—De bom companheiro.

—E' a mesma coisa.

—Faz sua differença.

—N'esse caso, confiemos em que se não esquecerá essa «sua differença».

—Dou-te a minha palavra d'honra...

—Não dês, não dês. Não é coisa que um homem possa dar de vespera, para depois da meia noite do dia seguinte.

Casados ha tres anos, D. Ana conhecia tão bem o marido, que logo que ele principiou aludindo á projectada ceia com esse condiscipulo inventado á pressa para pretexto de uma ausencia noturna, lhe não foi difficil descobrir, sob o supcs o nome de Carlos Ordaz, a pessoa aloirada, espalhafatosa e rechonchuda, de uma franchezza hospedada no mesmo hotel onde o casal havia quinze dias se encontrava, e para a qual, Inacio Temudo, ás

horas das refeições, arregalava insistentemente os seus mais doces olhares.

Ninguém como as mulheres para se não darem por achadas. Toda essa noite e no dia immediato, D. Ana tratou o espcco como se absolutamente de nada suspeitasse, aceitando e aprovando quantas desculpas elle, comprometendo-se cada vez mais, teimava em lhe apresentar.

A' tarde, chegou o momento de discutirem a já tratada ida ao teatro. Não tendo trazido para a viagem vestidos de etiqueta, D. Ana optou pelo Coliseu. Inacio Temudo, porém, muito amavel e generoso, desdenhou dos cavalinhos, e propoz que fossem ao Republica, onde trabalhava uma celebridade estrangeira. Estava com desejos de ver boa arte, disse, e não podiam sair de Lisboa sem terem



ido, pelo menos uma vez, admirar uma artista de tanto nome.

A mulher fez-lhe notar a falta de vestuario apropriado e o incomodo de ter de se pentear novamente áquella hora, mas Inacio Temudo replicou, gentilissimo, que, com a sua habilidade para se arranjar, ella supriria todas as difficuldades, que de qualquer maneira csaria bem, que como foras-eira podia ir como quizesse, e não houve remedio senão fazer-lhe a vontade.

Com muita paciencia e dissimulação, D. Ana tirou do guarda-roupa a sua blusa de mais aparato, mandando vir uma cabeleireira. O marido, esse, requisitou logo a casaca, bem como a sua

rica abotoadura de brilhantes, que a esposa se encarregara de guardar na maleta das joias.

A' hora justa deram entrada n'um camarote de primeira ordem, e mal D. Ana se debruçou a vêr a sala, imediatamente se lhe deparou, rechonchuda, espalhafatosa e aloirada, n'uma cadeira da platea, decotada como uma corista, a franceza do hotel, o que sufficientemente explicava os desejos de boa arte manifestados pelo esposo.

No primeiro intervalo, Inacio Temudo saiu para fumar um cigarro, e D. Ana, indo apressada á algeibra interior do sobretudo que o marido pendurara d'straido, teve a confirmação plena de todas as suas suspeitas, ao lêr n'um bilhete perfumadissimo e escrito em francez as seguintes frases: «Esta noite por volta da uma. Tenha cuidado em não ser visto». —Charlotte.

Tornando a dobrar o papel e repondo-o no seu lugar, D. Ana sorria da espantosa e incorrigivel ingenuidade masculina.

—Não viste por ahi o teu amigo?—perguntou ao marido, assim que ele voltou.

—Qual amigo?  
—O teu condiscipulo. O sr. Carlos Ordaz...

—Ah! o Carlos? Não, não vi.

—Pois tem graça que, não sei porquê, estava com palpito de que o encontrarias.

—Seria uma ottima occasião para eu t'o apresentar.

—Fica para outra vez.

Com viva satisfação de Inacio Temudo, que volta e meia consultava o relógio, o espectáculo terminou antes da meia noite, regressando o casal sem demora ao hotel, onde, redobrando de fingimento, Inacio Temudo procurou mostrar-se profundamente aborrecido com essa tal ceia que o obrigava a sair outra vez, sem gosto nenhum.

—Verás que voltas bem disposto!—afiançava D. Ana. —E' agradavel mudar de habitos uma vez por outra.

—Qual historia! Dava tudo para poder faltar.

—Pois não vês!

—Não posso. O Carlos melindrar-se-ia.

—N'esse caso, não te demores. Já passa da meia noite.

—Primeiro quero ver-te deitar. Não vá dar-te para ficares a pé á minha espera.

—Descanca, que não ficava. Mas para te fazer a vontade, vou já para a cama.

Quando Inacio Temudo apanhou a esposa deitada e fingindo que dormia, apagou a luz e saiu, levando consigo a chave do quarto, e encaminhando-se, em bicos de pés, para o pouco distante aposento da franceza espalhafatosa, rechonchuda e aloirada.

Era quasi manhã quando regressou, meio tonto de prazer e fadiga. Meteu a chave devagarinho na fechadura, abriu a porta e inclinou-se sobre a esposa. Na mesma posição em que a deixara, D. Ana parecia dormir o melhor dos sonos.

Satisfeito da facilidade com que tudo lhe tinha corrido, Inacio Temudo, esfregando as mãos, despiu-se a correr e, procurando não despertar a mulher, meteu-se na cama, adormecendo em breve profundamente.

Ouvindo-o d'ahi a pouco a resonar, D. Ana, que representara esplendidamente o seu papel de enganada, abriu os olhos, certificou-se do sono do esposo, e muito em silencio, sem se calçar, foi direitinha á camisa que Inacio Temudo atirara para cima de uma cadeira. Pegando n'ela, tirou com

cuidado a rica abotoadura que o esposo levava, e, depois de a esconder entre as coisas particulares de seu uso, tornou-se a deitar em silencio.

Já passava das onze quando Inacio Temudo acordou estremunhado. Olhando em roda, viu com grande admiração que D. Ana, sempre na mesma posição, ainda dormia.

—Isso é que é sono!—disse, despertando-a. Já acordei há mais de meia hora, mas dormias tão bem que não tive coragem de te chamar.

—Nunca me lembro de ter dormido como hoje... —retorquiu D. Ana.

—Pois eu invejo-te. Foi uma massada a tal ceia. O Carlos está completamente mudado. Já não conversa com de antes.

—Vieste muito tarde?

—Não me sentiste entrar?

—Eu, que idéa! Se já te disse que nunca dormi como hoje. Que horas eram?

—Mal passava das duas.

—Então demoraste-te pouco?

—O menos possível, quasi nada.

—Antes assim. Mas vamos-nos arranjar, que devem ser horas d' almoço!

Ao pegar da camisa de sobre a cadeira onde ficara, Inacio Temudo empalideceu. A sua rica abotoadura? Os seus brilhantes? Onde estavam? Como fóra aquilo? Tinha quasi a certeza de os possuir ainda quando se deitara, mas francamente não podia jurar.

Desesperado, enfurecido, esteve para dar alarme. Conteve-o, porém, a presença da esposa que de soslaio, muito des preocupada, o observava radiante, emquanto ele, de si para si, praguejando contra a conquista da vespera, carpia amargamente a sua sorte. Uma abotoadura de um conto e duzentos!

Não querendo abusar da situação, D. Ana guardou silencio até que foram para o almoço, e ela viu, muito contente, o esposo sentar-se, contra o seu costume, de costas para a meza da franceza aloirada, rechonchuda e espalhafatosa.

—Mudas hoje de logar?—interrogou.

—Mudo. Tenho sentido uma dôr exquisita aqui no pescoco, e desconho que é d'aquela janela. D'este lado estou mais resguardado.

—Precises ter cuidado.

—E preciso. Desde hontem, não me sinto bem.

—Estás um pouco abatido.

—Foi da maldita ceia.

—Isso passa...

—Ha-de passar, mas olha, já faço ha dias tenção de t'o dizer: se nos fossemos embora para nossa casa? Ando com saudades do socego da provincia. Lisboa já nos não reserva surpresas.

—Tu é que mandas. Só tens que marcar o dia.

—A manhã.

—Já amanhã?

—Achas cedo?

—Não. Está muito bem. Vou hoje fazer as malas.

No dia seguinte, á tarde, regressaram á sua linda casa do norte, sem que até hoje D. Ana tenha uma só vez aludido á rica abotoadura; que guarda, a cimento, no fundo de uma gaveta inviolavel, ao passo que Inacio Temudo guarda, inabrandavel e imerecido, um rancor soturno áquella franceza espalhafatosa, aloirada e rechonchuda que, n'uma noite de hotel, na capital, se lhe entregou muito desinteressadamente...

MANOEL DE SOUSA PINTO.



# A Questão dos Balkans

Depois da Grecia, da Servia, do Montenegro e da Bulgaria se terem lançado contra a Turquia vencendo-a, a Romania, que assistira calmamente a todos os episodios da guerra, sem mover um canhão, sem mo-

entre os amigos, os cúmplices de hontem.

Os bulgaros atacaram bruscamente as tropas servias sem mesmo observarem as formalidades e os servios venceram-nos dentro em pouco assim como os gregos profundamente irritados.

A questão nasceu das partilhas dos territorios, da parte que cada aliado desejava na presa tomada ao colono turco que assiste a estes novos acontecimentos mal mantendo a sua paz interna com as suas forcas de onde pendem beys, pachás e coroneis.

A Romania, n'um momento, ditou a sua lei. Os outros tinham perdido as forcas em quanto ella repousava; agora surge e declara quaes as suas vontades.

Esse povo pacifico e trabalhador foi movido por uma ambição tambem ao contacto de tantas anciedades de dominio.

E agora para que a paz se firme—dizem-no as chancelarias—para que os romaicos, comandados pelo seu futuro rei, não entrem em Sofia vencedores será necessario que os bulgaros aceitem as novas fronteiras da Macedonia como os desejam os gregos e os servios e que cedam á Romania o seu territorio situado entre Turtukai, ao norte e Baltick que fica no Mar Negro.

Eis o novo aspecto d'essa infundavel questão balkanica que a Europa tanto receava e que pôde causar uma guerra bem mais terrivel, mesmo a colisão de grandes potencias.



O rei Carlos e a rainha Izabel da Romania, a sexta potencia que interveiu na questão Balkanica ao cabo d'uma longa, atenta e habil espera, enquanto as outras se enfraqueciam e que hoje pretende assegurar os seus direitos.—(Cliché Archives du Miroir)

biliar uma companhia, interveiu. A sua intervenção tem um motivo logico dizem os seus estadistas: o ter rebentado a guerra entre os aliados balkanicos,

nica que a Europa tanto receava e que pôde causar uma guerra bem mais terrivel, mesmo a colisão de grandes potencias.

# O Concurso de Sonetos d'Amôr

## AS DECISÕES DO JURI

O Soneto d'Amôr, que tentou sempre o estro dos poetas e tem ficado como joias na literatura, appareceu no concurso da *Ilustração Portuguesa* por vezes em fórma preciosa, cantando em rimas d'oiro a paixão e a mulher.

De todos os pontos do paiz acorreram poetas com os seus versos correspondendo assim ao convite que o nosso *magazine* fizera á sua inspiração; appareceram os desconhecidos, os que cultivam a poesia como uma flôr exotica, os d'algun renome, os que a amam pelo ritmo, artistas da côr e do som, emfim, centenas dos que trabalham o verso sempre tão querido na nossa terra de poetas e sobretudo de enamorados.

O assunto apaixonava; o tema era tentador e d'aí a grande quantidade de produções que o juri, composto por tres dos nossos mais illustres poetas, teve que analisar.

Como se sabe faziam parte d'ele Lopes de Mendonça o autor do belo e vibrante poema do *Afonso d'Albuquerque*, Julio Dantas o artista sentimental da *Ceia dos Cardaes*, Augusto Gil o delicado poeta do *Luar de Janeiro*, o mais distinto artista da quadra portugueza, que com um desvelo sem par procuraram na aluvião dos sonetos do concurso aqueles que mereciam a consagração do publico e os premios que a *Ilustração Portuguesa* destinára aos tres melhor classificados, assim como os dez que deviam ser insertos nas suas paginas, o que representa um alto serviço prestado ás letras nacionaes.

Como se sabe é d'uma grande difficuldade a apresentação d'um homem de letras ao publico n'um paiz onde a produção litteraria não tem ainda a larga tiragem que seria para desejar. No fundo de tantas almas ha todavia a ambição de surgir para a nomeada, nos pontos mais distantes do paiz ha novos ansiosos d'essa sagração que é devida ao talento, mas as difficuldades antolham-se no seu caminho e ficam ignorados mais tempo, ás vezes soffrendo n'uma desesperança, caídos n'um aniquilamento.

O *magazine* que tem cultivado em Portugal a arte e o gosto, que tem lutado pelo desenvolvimento das varias manifestações do talento e sido por vezes o seu propulsor, mais uma vez, com a abertura d'esse concurso de sonetos d'amor, com um praso largo e um incitamento alto, correspondeu á sua missão.

Fez o convite e os poetas vieram can-

tando o amôr, enaltecendo a mulher e muitos d'elles desconhecidos iniciam n'estas paginas a sua carreira que sem este auxilio não se esboçaria talvez tão cedo.

Foi em parte este o pensamento que presidiu ao certamen que tão belos resultados deu e que alguns nomes — talvez de futuras glorias nacionaes — revelou ao publico numeroso que exgota a enorme tiragem da *Ilustração Portuguesa*.

A primeira classificação d'esse concurso coube ao sr. dr. Nunes Claro, medico em Cintra, cuja composição publicamos e de cuja modestia não podemos obter que se deixasse fotografar para o seu retrato acompanhar o seu belo soneto premiado justissimamente pelo juri.

Em segundo logar classificou o sr. dr. Candido Guerreiro, de Loulé, que obteve tambem: que outra das suas composições fosse incluída no numero das dez cuja publicação se fará successivamente nas paginas do *magazine* onde na proxima semana se inserirá o *Intangivel* que assim se intitula o soneto consagrado com o segundo premio.

Á terceira classificação foi para o sr. João de Souza, de Vila Franca de Xira, que concorreu com um soneto denominado *Virgem do desejo*.

São estes os trabalhos aos quaes pertencem os objetos d'arte com que a *Ilustração Portuguesa* os premiará como uma recordação inolvidavel para os artistas seus autores.

Esta primeira parte da tarefa do juri foi espinhosa mas mais ainda a que se lhe seguiu ao tratar de classificar, entre centenas de produções, as dez melhores que serão publicadas conforme as condições do concurso e que foram as seguintes:

*N'um sonho d'ocio*, do sr. Augusto Santa Rita; *Formosa*, cujo autor desejou conservar o anonimato; *Soneto d'amor*, do sr. Afonso d'Ataide; *Resignação* do sr. Justino de Matos Sequeira; *Exodo* do sr. Patrocínio Ribeiro; *Súplica* do sr. Armando Xavier; *Fatal Dilema* do sr. Faustino dos Reis e Souza; *Lavandeira* do sr. José Forbes Costa; *Coração morto* do sr. Dionisio d'Almeida e *Gacia Plena* do sr. dr. Candido Guerreiro.

N'outro concurso futuro os resultados de hoje serão já um novo incitamento aos modestos que se retraíram agora e aos que acabam de receber a consagração do juri composto por tres dos mais illustres poetas nacionaes.



E's outra sempre! Dentro do meu peito  
Tu mudas tanto, que eu procuro em vão  
Fixar mesmo que seja um só defeito  
Da tua fugitiva imperfeição.

Sempre esmagado, sempre em pó desfeito  
Continuamente pela minha mão,  
Eu acho ass'm teu coração perfeito  
Por nunca ser o mesmo coração.

Se alguma vez, acaso, me enfadaste,  
Quando eu ia a dizel-o—tu mudaste—  
E vi-me em frente d'uma nova amante;

Amo-te sempre, pois jámais te amei;  
—E não te traio, emfim, nem trairei  
Por te andar a traír a todo o instante!

NUNES CLARO.

1943



Aspeto da festa oferecida no Club Alemão á officialidade da canhoneira Eber que esteve no Tejo. Algumas das mais distintas senhoras da colonia durante a festa com uma parte dos convidados e membros do club — (Cliché Benoliel)

## Os alunos da escola de guerra em Tancos

### "O cadete em manobras"

Foi por uma manhã sombria, negra, friorenta que o correame das mochilas, os francaletes da marmita e os bonets de campanha se adaptaram aos corpos gentis dos cadetes da Bemposta, estes cadetes admirados e queridos dos 5.<sup>os</sup> andares quando passam flamantes nos seus douRADOS, nos seus *chantyls* e nas luzidias marrafas.

Jam para Tancos trabalhar a valer, ao que se dizia, e sofrer talvez as agruras da campanha. É, de facto, oito dias se passaram lá, ao sol ardente, na labuta da cazerna, no afan do serviço, dormindo em macas de companhia com aranhaes atrevidos e outros... animaes domesticos. Ai se os visseis! Barbas crescidas, sujos, tronco nú, a carregar baldes d'agua para as lavagens, ou levando á data de agua as mures, porcos da vanzelina das unturas, mas, recebendo as cartas perfumadas como um lenitivo enviado de longe



Explosão d'um partido

com saudade! As caras andam meias rame-lozas, que a agua escasseia e é um heroe aquele que consegue para um duche mais d'um decilitro d'agua disputado, a soco, d'uma pipa. Toca ás duas da manhã a alvorada, bebe-se um café purgativo e ala com o mochilame ás costas, o bernal vazio, em procura horas e horas do partido vermelho, hipotetico, o invizível que se escôa e foge ao longo das estradas poeirentas, vermelhas, argilozas onde o sol dardejando põe raras sombras negras de pinheiros tristes.

—«O' Tiasinha! Ainda falta muito para St.» Cita?

—«É' ali já, sôr áspirante.»

Mas, mais meia hora, e outra, passa sem se descortinar nada. Quando se consegue bivacar á sombra «bate-se» um pouco, se acaso o partido vermelho não obriga uma travessia a vau, de qualquer riacho, maneira unica de se lavar os pés em campanha.



A cavalaria antes da carga

Mas, não ha tempo para se descansar; recebe-se o almejado rancho frio, uma desilusão e um bife entalado n'um «casqueiro» que não abre nem a petardo. Um minuto em que o pensar fuja para o coração da mulher que freme longinquo, é despeçado pela voz rouca do «sóta guia»

que nos chama: «Avia-te que está a «tocar ao grão».

Houve um dia em que o partido verme'ho se diz para lá do Arrepiado. E ahi vae tudo de granada explosiva e cartucheiras repletas em busca do patife que não tuge nem muge. Dispõe-se o ataque, faz-se o avanço metódico da «enfia» protegido pelo fogo da artilharia; dá-se a carga mas o inimigo, ludibriou-nos, fugiu, deixando no campo apenas alvos brancos, como camizas de dormir ou ceoulas secando ao sol! Chega-se ás 10 da noite para jantar, lê-se a ordem que marca a alvorada á meia noite! E' o partido vermelho que já está para outro lado. Só á minha conta já dei cabo de 30 cartuchos e... um par de botas á Boston.

O bom humor, comtudo, não falta; salta-se fogueiras em Constançia e as meninas de Alemquer teem o club cheio, n'um baile em sua honra, baile elegante onde o *refle d'or* se mistura com suor de cavalo e ossapatinhos á Richelieu andam



A barca de passagem no Tejo vendo-se ao fundo o Castelo de Almoroi.



O espitão Simas-mostrando uma mexa Bieford ao curso de infantaria.

mã, mamã, olhe o Joãozinho que parece mesmo um guarda fiscal».

Mas a cazarria amarela dos edifícios do Gomes Freire já se vê. Uff! Atiram-se as correias, os francaletes, os cantis e vae-se empinar o tratado de *Westfalia* e o projeto de *Von Schwartz* que os exames estão á perna, e as partes vagas são longas.

A. F.



junto das grevas empoeiradas.

De comboio partiram os outros; os lazaros, os doentes, os invalidos e estropiados, homens de bolhas gordas nos pés e colicas intestinaes, formam a *companhia do eczema*.

Vieram de comboio, mas não teem esta receção amiga das meninas lisboetas madrugadoras que esperam ás portas da cidade e sorriem ao vê-l'os tão *engraçados* nos seus fatos pardos e capacetes redondos: — «Ma-

1. A passagem da ponte improvisada — 2. A distribuição do rancho em Santa Cita — 3. O estado-maior da coluna em marcha — 4. A artilharia na data d'agua em Pombalinho  
(Fotografias de Fernando Mamede e Castro e Silva)

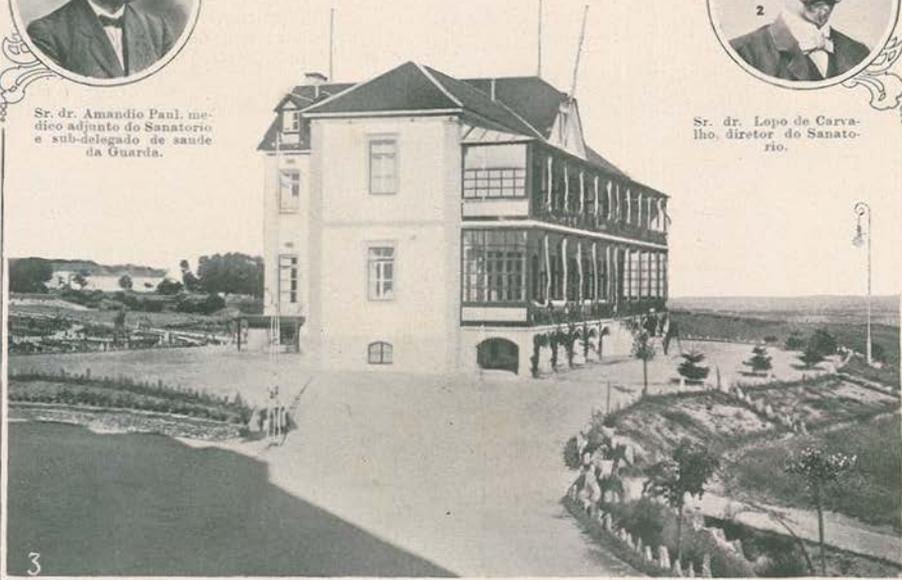
# O SANATORIO SOUSA MARTINS



Sr. dr. Amandio Paul, medico adjunto do Sanatorio e sub-delegado de saude da Guarda.



Sr. dr. Lopo de Carvalho, diretor do Sanatorio.



O pavilhão do Sanatorio

Um dos mais notaveis sanatorios nacionaes é o Souza Martins que fica nos pincares, dominando a Guarda a 1015 metros d'altitude sobre o nivel do mar, distanciado 3,600 das estações do caminho de ferro das Beiras.

Teem-se realisado curas numerosas de

tuberculose pulmonar n'esse sanatorio, que, pela altitude, é sensivelmente igual aos de Macolin, Saint Cerques, Salvan e Chamonix.

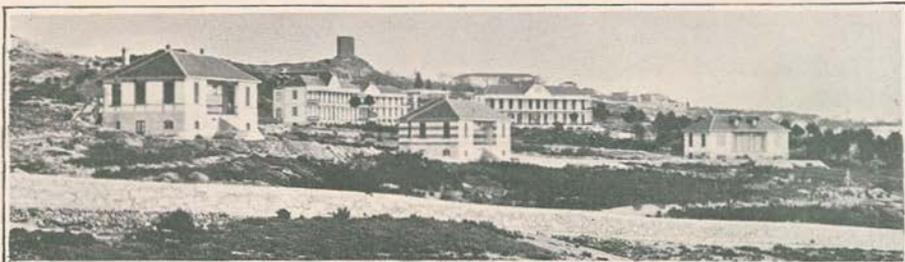
Não podia ser melhor escolhido o logar; tem amenidade, pitoresco, beleza e uma vista surpreendente das janelas dos seus pavilhões d'onde se alcançam esbatidos das plani-

ces hespanholas, os alcantis da Serra da Estrela e a elevação central do Marão, além do Douro. E' um largo local isolado onde os doentes seguem o seu tratamento com as maiores comodidades, com o mais rigoroso cuidado, na sua analise nos varios pavilhões onde se internam se-

gundo as suas classes: a 1.ª e a 2.ª classes são destinadas aos que pagam; a 3.ª aos indigentes não diferindo, todavia, a fórma do tratamento a não ser nos quartos privativos para os primeiros, comuns para cada tres dos pobres. De resto o mesmo carinho, a mesma bondade, os mesmos anseios de realizar as curas ha



em tratamento no Sanatorio, sr. D. Manuel Luniães e algumas das senhoras que estão em tratamento no Sanatorio.



1. Vista geral do Sanatório.—2. Senhores no salão d'inverno do pavilhão n.º 1.

para uns e para outros da parte dos médicos já notabilizados n'esse genero de clinica os srs. drs. Amandio Paul e Lopo de Carvalho.

O doente segue o seu tratamento e tem como distrações os passeios na mata e nos jardins faltando outros divertimentos, dizem os que ali acham decorrer monotona-mente o tempo mes- mo ao sentirem os



belos resultados do repouso. O espirito pode fatigar-se mas a cura ganha.

Uma grande persistencia em se esquecerem os prazeres é necessaria e utilissima e o Sanatório é ainda recom- mendavel por essa falta de diversões que só prejudicam. Durante uns mezes afastados de tudo, seguindo rigorosa- mente os conselhos dos medicos, n'a-



Doentes do pavilhão n.º 3 com os srs. drs. Lopo de Carvalho e Amandio Paul.

Suissa gosam d'uma fama universal. Este, pelas suas condições, pela maneira como está disposto, pelo sitio, pelas

belezas que o rodeiam, tem motivos para se desenvolver tanto mais que as curas ali efetuadas começam a ser uma alta garantia e a sua melhor propaganda.

E' certo que os doentes que para ali entram não são os de estado desesperado havendo,

porém, na estatística sanatorial curas superiores a 80% feitas n'esse topo do monte, diante dos alcantis das serras da Estrela e dos montes do Ma-

rão, para além Douro.



1. Fachada d'um dos chalotes e varios doentes em passeio.

quele isolamento d'essa altitude salutar as curas realisam-se e o afetado pôde então regressar aos seus trabalhos, transformado, com a sua cura feita.

Projetam-se ainda melhoramentos no Sanatorio mais bem montado de Portugal, construção de pavilhões, visto serem já insufficientes os que existem para doentes pensionistas e ainda mais algumas installações que façam rivalisar a estação de curas na Guarda com as suas congêneres estrangeiras que como as da



2. Doentes passeando no Mondego.—3. Grupo de doentes na mata.

## A execução dos conspiradores turcos



Damad Salih Pachá

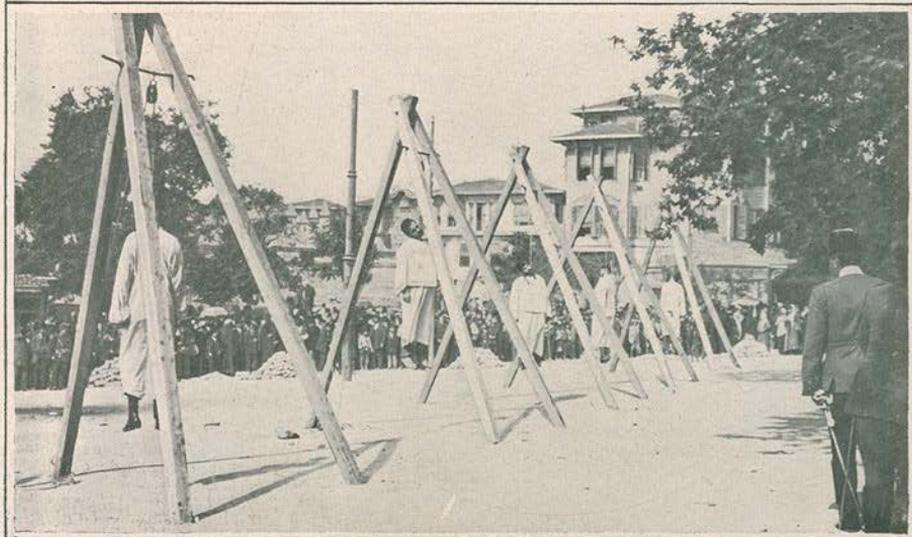
Parece que continua o reinado vermelho na Turquia. Não ha mais tranquilidade. Ha pouco derramava-se o sangue do grão-vizir, o joven turco, Mahomed Chevket. Agora são os autores do atentado, os seus instigadores, cúmplices e conjurados d'essa conspiração, que expiam nas forcas o seu delicto.

Não se poupam mesmo os mais ilustres como esse celebre Salih Pachá, que, apesar de genro do sultão, sofreu o infamante suplicio e como o coronel do estado maior Fuad Bey. Outras personagens foram condenadas e entre essas o principe Sahabedine, sobrinho do sultão e Sheufe Pachá que foi embaixador, Reshid Bey, ministro do interior do penultimo gabinete o que faz passar por toda a Turquia um fremito de terror, um receio de



Damad Salih Pachá, genro do sultão, a mais illustre personagem politica, executado em Constantinopla por estar implicado na conjura contra o governo Joven Turco

vinganças que jámais terminam n'esta luta entre os jovens turcos e os seus adversarios.



Alguns dos conspiradores contra os Jovens Turcos pendentes das forcas onde espiaram o seu crime politico (Cliché Central Photos)

# Uma Batalha de Flores em Roma

Na Villa Umberto, como modernamente se chama a tradicional Villa Borghese, que é, como se sabe, o Bois de Roma, realizou-se a costumada batalha de flores que a alta sociedade anualmente promove com fins caritativos.

A batalha de flores realizou-se este ano mais tarde, mas excedeu, em elegancia e animação, muitas das anteriores. Os jornaes denominaram-na unanimemente: — Festa das flores e da elegancia feminina. E com justificada razão.

A Villa Umberto, que é um ritrovo lindissimo e



1. O carro reclame das afamadas aguas de Fivggi

proporcionando a cada instante golpes de vista admiraveis de imprevisitos e prespetiva, reorgitava de magnificas equipagens deliciosamente ornamentadas e repletas de damas gentilissimas e da melhor sociedade patricia.

Ao longo dos frondosos vias da Villa Borghese e do Pincio, que lhe é contiguo, apinhava-se, cheia de alegria uma multidão enorme e sorridente, avida de contemplar o interessantissimo espetaculo.

A amenidade do dia correu muito para que aparescessem finalmente em Roma as garridas e caprichosas toilettes primaveris que o inverno, prolongando-se em demasia, tãõ tãõ deixado exhibir nas ultimas corridas de cavalos dei Parioli.

A batalha de flores foi realmente uma batalha, porque a luta foi acceza e se jogou com *entrain*, cru-

2. Os filhos d'um illustre diplomata acreditado em Roma tomando parte na batalha das flores

zando-se ininterruptamente no ar flores e serpentinas, até o pôr o sol, hora a que, pelo *Corso*, começou a debandada.

A chamada — *Festa das flores e da elegância feminina*, que as nossas gravuras mostram n'alguns dos seus curiosos aspectos, marcou nos dourados anaes da vida mundana de Roma relativos a 1913.

A animação d'aquelles que tomaram parte activa no certamen foi tanta que conseguiu comunicar-se intensamente aos que visitaram o local como simples *mirões*; — e até os velhos e pacíficos frequentadores da antiga moradia dos papas Borghesi, tão rica de sau-



1. A'gumas das gentilissimas damas que entraram na batalha das flores

dosas recordações como de monumentos, atraídos pelo bulício da *batalha* travada ao longe, nas espaçosas *ruas*, abandonaram as amadas sombras, sempre silenciosas e hospitaleiras, vindo, comovidamente, lançar sobre a mocidade descuidosa e em festa, qualquer sangrenta papoula ou mimosa margarida colocada com unção, momentos antes, na sua boteleira.

O êxito da *batalha das flores* de 1913 foi, pois, completo; e ainda bem porque os seus fins eram altamente simpáticos: minorar as dôres dos que sofrem e a fortuna não favoreceu.



2. Um carro muito bem ornamentado em que figurava uma linda romana

# O PARA' INDUSTRIAL

*As Grandes Oficinas Mecânicas*

O Estado do Pará é atualmente um grande emporio industrial. Possui fabricas de quasi todas as especialidades. Vivendo de recursos proprios e mantendo um efetivo de operariado, quasi todo portuguez, contribuem para a riqueza do Estado com enorme soma de energias produtoras. Apresentamos neste numero, aos nossos leitores uma d'elas que, por ser das mais importantes, tem desenvolvido bastante a arte da construção no norte do Brazil.

A firma Manuel Pedro & C.<sup>a</sup> foi fundada em 1875 pelo empreiteiro portuguez Manuel Pedro da Silva Junior, natural do Vilar do Paraizo. concelho de Vila Nova de Gaia.



Sr. Wenceslau da Silva, proprietario da fabrica



Sr. Aureliano Antonio Kirado, gerente da firma.

Aportado áquelas paragens, dotado de um poderoso espirito organisador, de mãos dadas com elementos fabricis de suma importancia, ao morrer em 1903 deixou uma fabrica que pôde competir com a que melhor existe no genero na Europa. São atualmente socios da firma, respeitadissima, os srs. Wenceslau Pedro da Silva, Casimiro Dias, naturaes de

Vilar do Paraizo, Aureliano Eirado e João Manuel Pedro Muller distintos cidadãos paraenses.

Empreiteiros e construtores em larga escala, a sua grande fabrica compõe-se de oficinas de carpintaria, marcenaria, ferraria, serralharia, maquinismos para aparelhamento de madeiras e serraria.

Importa todos os materiaes de construção.



Um grupo de operarios na officina.



Um belo espécimen da construção civil no Pará, casa Mourão & C.ª na rua 15 de Novembro.

Exporta as melhores madeiras da Amazonia. Tem atualmente trabalhando trezentos operários, dos quaes 90 % são portugueses.

Os seus trabalhos de construção, dos quaes apresentamos dois espécimens, foram premiados com grandes premios nas exposições internacionais de Chicago, S. Luiz, Pará,



Uma das fachadas das oficinas.

Rio de Janeiro, Bruxelas e, ultimamente, em Turim onde se obteve o «Grand Prix.»

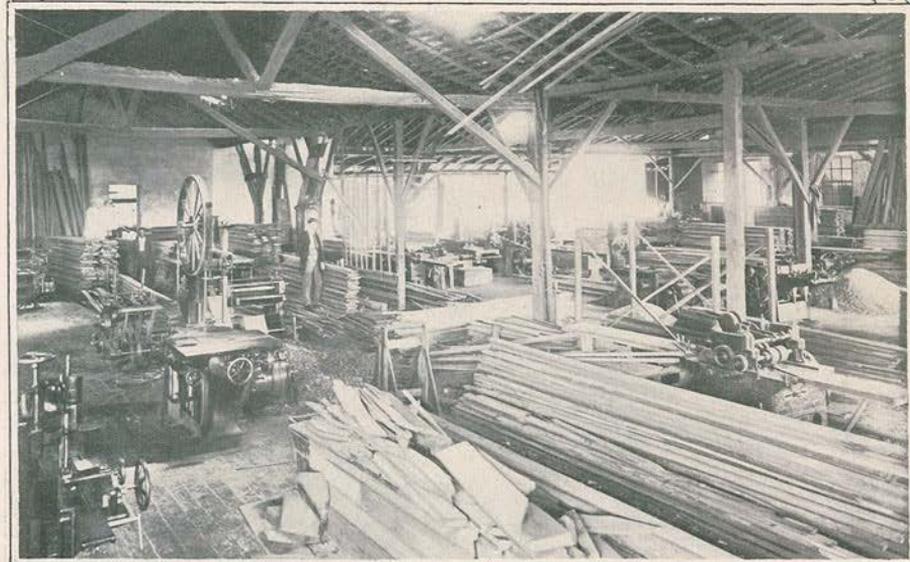
A área das oficinas e depósitos de materias occupa 18.000 metros quadrados.

As relações do operariado com o patronato são o melhor possível. O espirito republicano domina em todos os portugueses, desde os proprietarios, nossos patriotas, ao mais modesto serrador vindo de Portugal ha pouco.

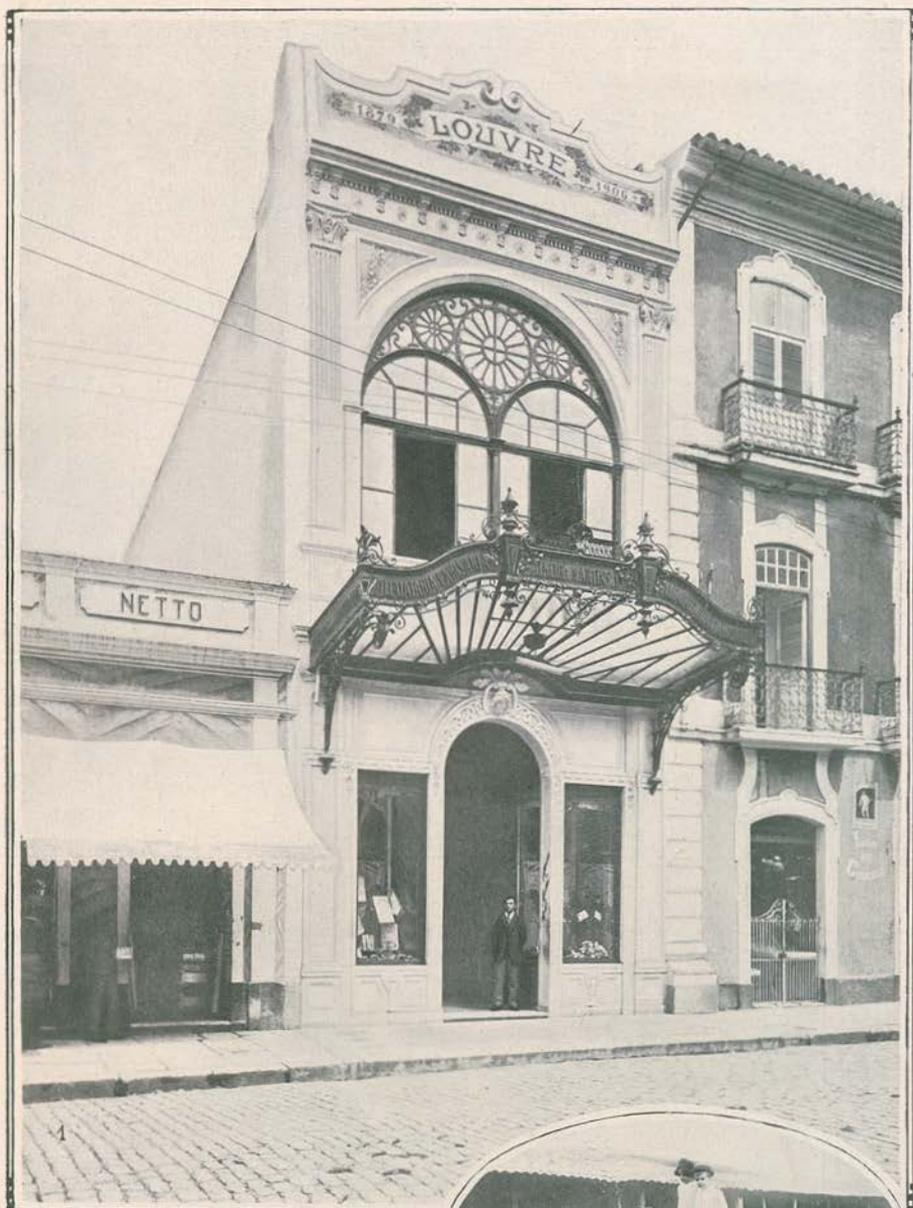
Todos os anos é festejado o 5 de Outubro com o aplauso unanime dos que mourejam na pequenina colonia fabril, onde a bandeira da Republica se hasteia, activa, abençoando as almas luzitanas. Raro o operario que não sabelêr e mais raro ainda o que não pertence, pelo menos, a uma das agremiações portuguezas do Pará. Não admira, pois, que o espirito luzitano anime todos os trabalhado-



Nos escritórios: Da esquerda para a direita, sentados, *srs. J. M. Pedro Muller, sócio; C. d'Almeida Dias, sócio; H. Monteiro, interessado; de pé, srs. A. Pinto Aguiar, J. André dos Santos, empregados; Alberto Garcia, guarda-fichos; A. Machado, José Moreira da Costa, arquitetos; M. Pedro da Silva Neto, chefe das oficinas; A. Pereira dos Santos, J. Nunes Martins; Bernardino Coimbra; A. Nunes Martins, empregados; António Gomes, chefe da oficina de carpintaria*



Vista geral d'uma das oficinas de preparação.



1. Outro belo espécimen de construção paraense. A casa Louvre na rua do conselheiro João Alfredo.  
 2. N'um dos grandes depósitos de fôrros.

res, levando-os a não esquecer a terra que lhes foi berço, e onde os entes queridos esperam saudosos a volta prometida.

Pará, 24 junho 1913.

JOSÉ SIMÕES COELHO.



# FIGURAS E FACTOS



1. Sr. General Manuel da Costa Cascaes falecido em Lisboa.—2. Sr. João Estiquini, falecido em Beja.—3. Sr.ª D. Catarina Mariana de Figueiredo Feio, escritora distinta que entre outros trabalhos e possas dispersas deixa um livro sentido cheio de emoção e

de verdade: *A Última Estancia*. Camilo dedicou algumas paginas d'apreço á illustre senhora. 4. General sr. João Pedro e Almeida, falecido em Braga.—5. Sr. Antonio Joaquim de Oliveira, decano dos empregados da Imprensa Nacional, falecido em Lisboa.



Um aspéto da exposição de labores das alunas do liceu Maria Pia onde se ministra d'uma forma artistica e modernissima essa parte essencial da educação feminina.—(Cliché de Benoliel)



O tiro aos pombos no Club dos Salgueiros do Porto em honra dos socios srs. Alfredo Bastos, Romão Casals, e Julio Ferreira dos Santos e Silva. Um grupo de atiradores: srs. 1. Julio Caldeira; 2. David Ferreira; 3. Sabino d'Almeida; 4. Basilio Stokler; 5. Antonio Santos; 6. Bernardino Gonçalves; 7. Antonio Caldas; 8. Nuno Brito e Cunha; 9. Artur Leão; 10. Antunes Guimarães; 11. Antonio Seixas; 12. Vitor França; 13. Artur Rodrigues; 14. Alvaro Pinto da Cunha.



1. Sancho Alegre, que tentou contra a vida do rei de Hespanha, quando regressava do juramento de bandeiras e que foi condenado á morte.—2. Sancho Alegre conduzido pela guarda civil n'uma das galerias do Palacio da Justica. (Cliché Hugelmann)

Sancho Alegre que tentou contra o rei de Hespanha foi condenado á morte tendo redigido a sentença o juiz Martinez Marin que pediu para o criminoso, no caso de ser in-

dultado, o que se espera, visto a sua prova da epilepsia, a perda de todos os seus direitos civis e politicos.



A comissão das festas brilhantissimas que se realizaram em Portimão e que foi incansavel para conseguir o seu belo exito ; 1.º plano: srs. Amadeu Figueiras d'Andrade; Joaquim Paulo Correia; presidente da comissão; Joaquim Nobre.—2.º plano: sr.<sup>da</sup> D. Josefina Figueiras d'Andrade, D. Carolina Marques Pereira, D. Maria Julia Cabrita, D. Francisca do Carmo Mascarenhas, D. Laurinda Fernandes.—3.º plano: sr. Joaquim d'Oliveira, sr.<sup>da</sup> D. Mariana de S. José Cabrita, D. A loizinda M. Pashunha e o sr. João das Neves.

E' sabido que no local do santuario de La Salette, em Oliveira de Azemeis, existe um parque esplendido, que constitue a admiracao de quantos o visitem.

E' n'esse parque que vae ser levantada a capela e torre gigantesca de que hoje damos o projeto elaborado pelo arquiteto portuense Antonio Correia da Silva.

Todos esses grandes melhoramentos são promovidos pela Comissao Patriotica Oliveirense, que tem encontrado valiosos auxiliares em pes-



3  
Sr. Correia da Silva arquiteto autor do projeto do monumento de La Salette

soas benemeritas tanto d'aquelle concelho, como de fóra. N'esta ideia se tem empenhado uma grande parte dos proprietarios regionaes auxiliando os promotores d'essa obra em que a arte se alia ao gosto no fundo pitoresco d'um dos mais lindos trechos de paisagem portugueza.



Ernest Empis socio da casa Henri Barnay e consul geral da Belgica falecido em Lisboa—(Chetê Bobone)



O alferes sr. Antonio Ildefonso, falecido em Pinhel



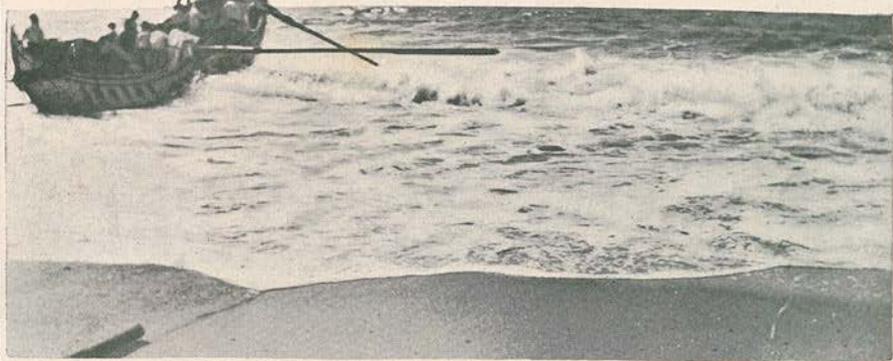
1. Sr. Domingos Costa presidente da Comissao Patriotica Oliveirense  
2. O projeto da Torre de La Salette em Oliveira d'Azemeis

Foi um violento incendio o que destruiu parte dos depositos do material de guerra de Beiroas e que, sem oscuidados com que se resguardam os edificios, podia ter sido das mais terriveis consequencias



em virtude da grande quantidade d'explosivos existentes nos pavilhões distantes uns trinta metros do local onde o fogo começou arruinando com os depositos a casa do comandante e uma velha ermida.

# A Pesca da Sardinha na Vieira



Vieira, com a sua extensão d'areia, diante da faixa larga do mar, é burgo de pescadores, gente que da água e das suas riquezas vive, quando ela complacente as deixa ir buscar.

Quando a onda ronca e se encapela, a miséria vem para os trabalhadores laboriosos da povoação perto da qual o Liz ser-

peniteia e por vezes também a perturba como, quando transbordando no sítio do Porto de S. Sebastião, alagou as vastas campinas de Amor e de Vieira chegando a levar n'uma furia algumas das casas onde moravam pescadores e as barracas dos banhistas. As vinhas perderam-se; os milharaes foram devastados pela corrente cau-



1. Os pescadores no mar—2. O encalhe dos barcos na praia onde vão estendendo as redes para enxugar

dalosa. Mas a vila mercê do seu labor, da sua vida de trabalho, depressa se refez e isso foi d'ali e a pouco como um mau sonho.

De novo se voltou com mais ancia ao cult'vo e o pescador coseu a rêde para ir pescar a sardinha famosa da região nas aguas azues do oceano, o que faz com a familia toda puxando n'uma das pegas do arrasto, empregando n'outra os bois possantes que as belas lavradeiras guiam á sogá entre os gritos incitadores dos que marcham na areia puxando a sua corda, arrastando a rede onde a sardinha prateada saltita nas vascas da



agonia antes do martirio da brasa.

Quasi todo o povo-leu d'aquela faxa extensa se entrega a esta labuta nos barcos em fôrma de meias luas a cujas prôas ha olhos pintados dando-nos ares de monstros á to-na, ou de embarções corsarias dos nor-temandos á cata de presas, confundidas entre a onda e o ceu, lá longe, fazendo pela vida.

Vieira vê partir os pescadores e vê-os voltar cantando, mesmo quando a pesca não é boa como ha pouco quando a sardinha por lá rareou, á semelhança do que aconteceu na Bretanha e alarmou a industria das conservas d'este peixe; vê-os sem-

As vandeiras



As redes na praia

pre na sua faina e a ela dedicados desde o amanhecer, cuidando do seu barco e das suas redes, amando a companha, passando a mais rude das vidas a troco de nem sempre generosa paga mas dando o exemplo d'uma população de lutadores.



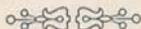
O arrasto das redes

(Clicê do sr. João de Magalhães)



Os bois que puxam as redes

E ao falar-se da Vieira, terra de trabalho, evoca-se também a das diversões n'aquela pagina deliciosa de Eça de Queiroz em que ha banhistas de Leiria olhando a vaga ao som de valsas a e Ameliasinha sofrendo dos seus amores enquanto os bardos lhe fazem versos e os sardinheiros vão para o mar ao romper d'alva.

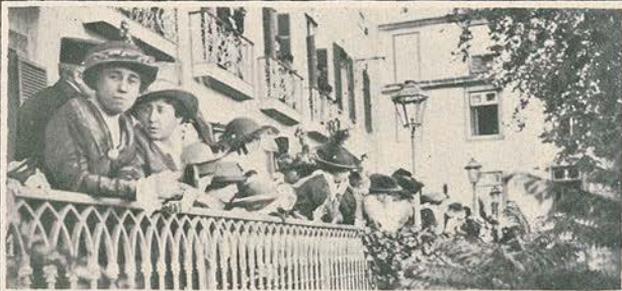


O arrasto das redes levando-se os bois á soga



O almoço dos sargentos da escola pratica de infantaria de Mafra realizado no hotel Costa em Cintra—(Cliché do sr. Teodosio de Carvalho)

# A Festa no Gremio Literario



do Correia cuja reputação d'esgrimista está feita, ficando em terceiro lugar outro não menos distinto amador, sr. marquez de Belas.

O handicap foi ganho

1 e 2. Aspectos da assistencia durante o chá

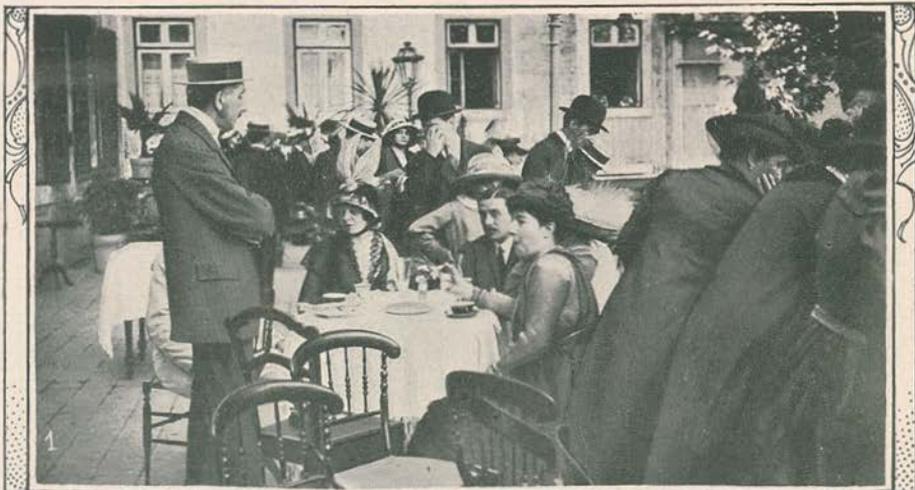
O Gremio Literario tem a sua festa anual d'esgrima em que se apresentam alguns dos nossos mais distintos amadores e que termina sempre por um *raout* oferecido nas salas d'aquela agremiação ás senhoras das familias dos socios, o que d'esta vez foi feito com desusado brilho, tendo sido muito elegantemente concorrida essa reunião por todos os motivos interessante.

As provas d'esgrima duraram tres dias e foram bravamente disputadas tendo por fim obtido a *bassard*, o sr. dr. Antonio Csorio que como se sabe é um dos mais eximios esgrimistas nacionaes conforme o tem demonstrado em torneios mesmo com profissionaes.

O segundo classificado foi o sr. Fernan-



3. Durante o chá oferecido na terrasse do Gremio



1— Appeto da assistencia—2 Os esgrimistas que tomaram parte no torneio. 1.º plano, sentados à direita para a esquerda, Carlos da Mota Pegado, Conde de Penalva d'Alva, Marquez de Belas, dr. Antonio Horta

pelo sr. Mota Pegado.

Emquanto se fazia o torneio na bela *terrasse* servia-se um esplendido chá às senhoras tendo a



Ocorio, dr. Ruy Paes de Vilas Boas, Simão Trigueiros de Martel. 2.º plano em pé, dr. João de Enaux, dr. Alberto Machado, dr. José de Ataide, José Oliveira Soares, dr. Rodrigo Aires e Fernando Correia

feita terminada com um grande entusiasmo e ficando com um belo registro nos anaes elegantes do Gremio Literario.



Outro aspeto da assistencia

## FIGURAS E FACTOS



Na inauguração da Albergaria de Lisboa onde são internados os indivíduos apanhados a mendigar.  
O chefe do Estado com os ministros dos estrangeiros e do interior, governador civil de Lisboa e direção da Albergaria

A Albergaria de Lisboa foi inaugurada brilhantemente na presença do chefe do Estado que assim mais uma vez demonstrou o seu muito desvelo pe-

los pobresinhos para os quaes aquele estabelecimento representa um abrigo á sua miseria, um lenitivo ás suas desgraças.



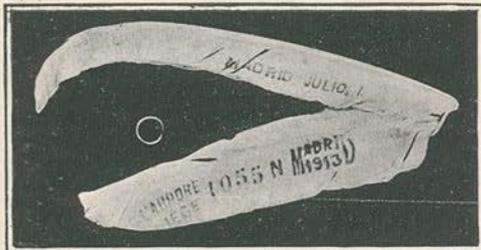
A festa no Club Naval oferecida ao seu comandante sr. Jaime Atias. A' porta do Club antes do embarque



1. Sr. dr. Afonso de Melo que publicou em volume a sua conferencia *Portugal Potencia Europeia* realizada no salão da *Ilustração Portuguesa* — 2. Sr. Visconde Sanches de Frias, autor do poema *A Vila do Rajá*, trabalho que tem merecido calorosos elogios — 3. A distinta escritora sr.ª D. Maria Monsinho d'Albuquerque, autora do novo livro *Vagabundo* que acaba de ser publicado obtendo um favoravel exito. — 4. Sr. Mario Beirão, o novo poeta, autor do livro *Ultimo Lucida* que é d'uma curiosa e alta impressão d'arte. — 5. Sr. Vasco Morgado, consul portuguez em Santos, onde tem prestado relevantes serviços á Republica.

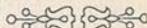
O pombo que foi morto em Vilar Maior e que pareceu que fizera uma larga travessia, era branco e tinha varias inscrições nas penas das azas e nas anilhas das pernas as seguintes: 120. A. D. 60, 407. 155 N. Nas azas lê-se:

L' Aurore, Liège,



1055. N, Madrid 1913, Caspani, Tilburg, Holland, Madrid, Julio 1.

Naturalmente o animal partira da Holanda com destino a Madrid d'onde levantou vôo seguindo a direção do nosso paiz.



Doas das penas marcadas, despojos do pombo que depois d'uma larga excursão foi morto a tiro no telhado d'uma casa em Vilar Maior (Sabugal)



OS PROFESSORES DO CIRCULO ESCOLAR DE GOUVEIA QUE FORAM A COIMBRA EM EXCURSÃO DE ESTUDO

1. Srs. José A. M. Cabral, professor em Nespereira; 2. sr.ª D. Maria d'Assunção, professora em Alrota; 3. D. Maria P. T. Ferreira, professora em Paços da Serra; 4. D. Eulvinha da Purificação Soares, professora em Nespereira; 5. D. Eulalia Cabral, professora em Vila Cortez; 6. Maria C. d'Albuquerque, professora em Gouveia; 7. D. Cezalina M. Galo, professora em Cabra; 8. D. Maria J. dos Ramos, professora em Arocello; 9. D. Delina M. Faria, professora em S. Paio; 10. D. Maria do Carmo M. de Miranda, professora em Ceia; 11. sr.ª José de F. Loureiro, professor em Santa Comba; 12. José Dias Costa, professor em Folgoso; 13. José A. de Campos, professor em Santa Marinha; 14. Constantino C. da Costa, professor em Paços da Serra; 15. J. A. Fernandes Jorge, professor em Vila Nova de Tazem; 16. Nunes Pais, inspector do circulo em Coimbra; 17. M. Gomes Correia, professor em Cassurrães; 18. A. Lopes Barbas, professor em Rio Torto; 19. M. G. Mendes da Fonseca, profes-

sor em Moimenta da Serra; 20. A. L. d'Amoral, professor em Mdo; 21. D. Elisa Marques, professora em Nabães; 22. D. Fação R. Tavares, professora em Cabra; 23. M. Pereira Nina, professora em Nabães; 24. José A. Fernandes, professor em Vinho; 25. José L. d'Almeida e Souza, professor em Lagarinhos; 26. A. Joaquim Pais, professor em Pinhanços; 27. Luiz do Am aral Tardio, professor em Arocello; 28. A. Jeronimo d'Almeida, professor em S. Paio; 29. M. d'Almeida Carvalho, professor em Gouveia, director da excursão; 30. Fernando Kemp Sorrao, inspector da 2.ª circunscrição escolar; 31. M. Marques, professor em Freixo da Serra; 32. Alexandre Magno Fernandes d'Oliveira, professor em Catvelos; 33. José Cunha, professor em Vila Cortez; 34. Manuel Borges Garcia, professor em S. Romão; 35. Abilio Henrique Fernandes, professor em Ceia; 36. José d'Almeida Roque; 37. Mannel Gomes, professor em Vila Franca da Serra.

## CONSULTAE ESTE HOMEM. E' NOTAVELMENTE HABIL.

Muitas pessoas de alta categoria e competencia dizem que ele lê na vida de cada qual, como n'um livro aberto



O Professor Clay Burton Vance

Oferece gratuitamente Horoscopes de Ensaio, em portuguez, a todos os estimaveis Leitores da **Illustração Portuguesa** que lhe escreverem sem perda de tempo, quanto antes.

Querem ser claramente informados a respeito das cousas que lhes podem interessar: Negocios, Casamento, Mudanças de Vida, Ocuzações? Querem saber ao certo o que devem pensar dos Amigos e Inimigos, e conhecer o meio de alcançar o melhor exito na vida?

Estão atualmente despertando a atenção de todas as pessoas, que se interessam pelas experiencias misticas, os trabalhos do Sr. Clay Burton Vance, que sem alardear dons especiaes, nem um poder sobrenatural, procura revelar o que a v. dá reserva a cada qual, com auxilio d'isto dado lá simples: a data do nascimento. A exactidão incontestavel das suas revelações e predições faz pensar que até agora Chiromantes, Advinhos, Astrologos e Videntes de todos os felios não haviam logrado aplicar os verdadeiros principios da ciencia de desvendar o porvir.

Em virtude de negociações levadas a cabo, podemos oferecer a todos os Leitores da **ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA** uma Lettura d'Ensaio gratuita, ou Horoscopo parcial. E' necessario, porém, que as pessoas que quizerem aproveitar este oferecimento façam o seu pedido sem demora. Aqueles que desejarem, portanto, uma descrição da sua vida passada e futura, que quizerem receber uma enumeração das suas caraterísticas, talentos, aptidões, uma indicação das occasiões que se lhes proporcionam, não tem mais que enviar o nome, a morada, a indicação do sexo, a do dia, mez e ano do nascimento, e a copia feita pela propria mão dos versos seguintes:

«Vosso poder é grande, e assombroso,  
Ao mundo a fama diz;  
Do meu porvir rasgando o veu nebuloso,  
Dizei—Secret feliz?»

Dirigi a vossa carta a: Clay Burton Vance, Suite 2008, E. Palais Royal, Paris (FRANÇA). Será conveniente incluir na carta 150 réis em estampilhas postaes, portuguezas (ou 500 réis em estampilhas brasileiras) para despesas de porte e de escritorio. Notar que as cartas para Franca devem ser frankueadas com 50 réis, moeda portugueza (ou 200 réis moeda brasileira). Não se deve incluir na carta dinheiro amoeado, a.

«Recabi o meu Horoscopo, escreve o Sr. Lafayette Reddit. Foi com verdadeiro assombro que li zelle, FASE POR FASE, A MINHA VIDA DESDE A INFANCIA ATÉ AGORA. Ha anos que este genero de estudos me interessa, mas nunca me passara pela ideia que fosse possível das opiniões e conselhos de valor tão inculcavel. Sou, portanto, forçado a confessar, que V. é na verdade um homem extraordinario, e muito foigo que possa fazer preveller, aquelles que o consultam, das suas admiraveis faculdades.»

«Tenho muita alegria, escreve Miss Lorella Harvey, em exprimir a V. a minha completa satisfacção pela Lettura Horoscopo da minha Vida. V. salvou-me de muitos erros; lamento não o haver conhecido ha mais tempo. Para mim, o seu poder é inexplicavel, mas constitue um grande beneficio. O negocio a respeito do qual V. me deu um conselho especial, realhou-se como V. havia indicado.»

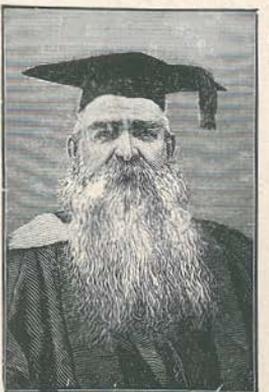
### Prof. DIXON, Mestre em Artes

(Vaja-se a photographia abaixo)

Diretor do Observatorio Lanka, Membro da Sociedade Astronomica de Franca, Membro da Sociedade Astronomica de Alemanha, escreve:

PROF. CLAY BURTON VANCE:

Meu caro Sr. — Recibi a sua carta e a Lettura Completa da Vida. Estou completamente satisfeito com a sua Lettura, que é em quasi todos os pontos tão exacta quanto possível. Parece exultar que V. se tenha referido aos meus Incomodos de garganta. Precisa-me, acabo de ser atacado por eles de modo bastante serio. Estes incomodos apparecem sempre duas ou tres vezes por ano. Tenta a certeza que não deixarei de o recomendar aos meus amigos, que desejarem ter uma Lettura da sua Vida.



Prof. A. C. DIXON, Mestre em Artes, Bacharel em Sciencias. 3-E

## Pedras para acendedores de METAL AUËR legitimo

COM PATENTES DE INVENÇÃO

### AS MELHORES E QUE MAIS CHISPAS FAZEM

Grande sortido de acendedores e isqueiros

#### ULTIMA NOVIDADE

O Acendedor TREIACH equivale a 60:000 phosphos de eterna duracão sem mecanismo. Nunca muda de pedras. Não falha.

Manda-se a a amostra pelo correio desde que se envie a importancia de 3 pesetas, ou 600 réis.



Dirigir toda a correspondencia a

EUGENIO LAMPARTER, Sevilha, S.<sup>ta</sup> Anna, 9  
**HESPAÑA** (Unico representante)

## = Para que viver?

Triste, miseravel, preocupado, sem amor, sem alegrías, sem felicidade quando é tão facil obter FORTUNA, SAUDE, SORTU, AMOR, CORRESPONDIDG, GANHAR BOUTOGOS E LOTERIAS, pedindo a curiosos brochurs GRATIS do profs-or YALAZ, as. BOUTARD BONNE NOUVELLE—PARIS. 35.



## COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO

Sociedade anonima respons. limitada

CAPITAL:

Accões.....	300.000\$000
Participações.....	300.000\$000
Fundos de reserva e amortização.....	200.000\$000
Balanc.....	800.000\$000

Sede em Lisboa, Proprietaria das fabricas do Prado, Marianinha e Sobreirinho (Lanar), Penedo e Casal de Hermilho Louza, Vale Maior (Albergaria-a-Velha), instaladas para uma producão annual de seis milhoes de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de maquina contínuo ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionais. Escritorios e depositos:

LISBOA—270, Rua da Princeza, 276  
PORTO—49, Rua de Passos Manuel, 51

Endereço telegraphico em Lisboa e Porto: COMPANHIA PRADO, Numero telefonico: Lisboa, 905 — Porto, 117.





LE GYPSOCOPÉ  
PARIS  
J. RICHARD FABRIQUEUR

# VERASCOPE

Exigir a Marca  
A cada nas principaes casas  
de artigos photographicos.



VERASCOPE RICHARD

Venda por Atacado : 25, rue Mélingue, } PARIZ  
Venda a retalho : 10, rue Halévy, }  
Envio franco do Catalogo  
(gratis)

# RICHARD

## A PHOTOGRAPHIA DE TUDO PARA TODOS

3 NERVURES

# CONTINENTAL

É

Ⓢ O BOM PNEU POR EXCELLENCIA  
PARA AS  
*más*  
*Estradas*

À VENDA EM TODAS AS GARAGES

TYPE COURSE